

## **A PESQUISA EM EDUCAÇÃO: A PRODUÇÃO DE SENTIDOS SOBRE OS JOVENS E A JUVENTUDE DE NOVO HAMBURGO**

**ZUCCHETTI**, Dinora Tereza – FEEVALE

**GT:** Educação Popular / n.06

**Agência Financiadora:** Não contou com financiamento

Há uma juventude que precisa ser desvelada!

O cotidiano de jovens moradores das cidades tem sido permeado por situações concretas bem conhecidas da maioria da população urbana, mas que parecem incidir de forma ainda mais contundente sobre este grupo social. A falta de emprego, o problema do ingresso no Ensino Médio e Superior, a dificuldade de permanência no Ensino Fundamental, a violência, o consumo como forma de inclusão, o uso abusivo de drogas, a incerteza em relação ao tempo presente e muito especialmente ao futuro, são marcadores de uma juventude que se apresenta de forma crescentemente vulnerável.

Estas, entre outras questões, têm sido divulgadas pelas pesquisas realizadas, especialmente a partir da década de '90, do século passado, e que focam o jovem como sujeito da investigação. Portanto, há uma realidade que se produz e reproduz e que suscita a necessidade de maiores estudos em torno da complexa temática dos jovens e da juventude.

Há, sem dúvida, um movimento aglutinador, mesmo que recente, em torno destas questões; e isto tem sido percebido não só nas, como também pelas comunidades acadêmicas, através de suas pesquisas e de seus grupos de estudos. Comissões defensoras de direitos humanos, educadores, gestores de políticas públicas e os próprios jovens têm forjado reflexões que, em algumas situações, têm avançado no sentido de um debate mais amplo com o conjunto da sociedade, o que, por vezes, tem oportunizado a realização de Conferências Públicas da Juventude e outras acaloradas discussões, mesmo que estas aconteçam, inúmeras vezes, com a parca participação de jovens. Não obstante, ainda são os processos de investigação científica que contribuem na tradução da realidade social e se constituem num valioso instrumento de interpretação das inúmeras significações sociais que o conjunto de uma sociedade tem dos grupos sobre os quais reflexiona, no caso, os jovens.

Os estudos atuais em torno dos sujeitos jovens que, a primeira vista, podem parecer excessivos e, por vezes, desfocados, se fazem necessários frente à tentativa do aprisionamento com que a categoria juventude tem sido apresentada. Na maioria das

vezes, os resultados das pesquisas demonstram a juventude como se homogênea fosse. A mídia, muito especialmente, tem contribuído neste sentido. É emblemática a chamada de uma notícia datada de 04 de junho de 2004 e veiculada pelo Jornal Correio do Povo quando refere, no título, *a periculosidade dos jovens na contemporaneidade*, firmando-se a idéia de um grupo que precisa ser contido!

No caso específico desta pesquisa que faz refletir os dados apreendidos da mídia local, deseja-se verificar as interpretações sociais produzidas sobre os jovens e a juventude de Novo Hamburgo/RS.

Fatos que se sucedem cotidianamente e que são noticiados tendem a (re)criar discursos diversos sobre a juventude e os jovens e, como não poderia ser diferente, sentidos sobre os jovens e a juventude são (re)produzidos e referenciados. Este é o objeto de investigação da pesquisa realizada tendo como lugar do empírico o maior jornal de circulação diário da cidade de Novo Hamburgo, focando-se as notícias que retratam a realidade dos jovens moradores da cidade nos anos de 1998 a 2002.

A pesquisa constituiu-se em uma *abertura*<sup>1</sup>, no sentido heideggeriano, para a compreensão do ser jovem no âmbito do local, a cidade. Assim, mais do que elucidar os fatos, a pesquisa pretende contornar o objeto para melhor descrevê-lo, dando importância à presença, ao acontecimento descrito no registro jornalístico, ou como diz Maffesoli (1997, p. 23), “talvez não explicar mas ao menos estabelecer-lhes os contornos e conquistar suas características fundamentais”.

Neste sentido, a pesquisa aqui é definida pela sua característica documental, tendo como material empírico os registros jornalísticos do jornal citado. Do ponto de vista metodológico, foram investigadas 318 edições num universo de 1826 periódicos, perfazendo uma amostra com 95% de confiabilidade e 5% de margem de erro. A coleta de dados foi realizada no período de 26 de fevereiro a 02 de abril de 2004 no acervo da Biblioteca Pública Municipal de Nova Hamburgo. Foram utilizados como critérios para a seleção das notícias, a referência, em conjunto ou separadamente, (a) aos jovens moradores da cidade de Novo Hamburgo; (b) ter no título e/ou no texto as expressões jovens, juventude e/ou adolescência; (c) referir a idade de 15 a 24 anos.

---

<sup>1</sup> Heidegger (2000, p. 108), em “*Ser e Tempo*”, discutindo o caráter metodológico da analítica existencial pergunta: “Pode-se então recusar esse projetar-se essencial da presença à pesquisa que sendo, como toda a pesquisa, um modo de ser da abertura da presença, quer elaborar e conceituar a compreensão ontológica constitutiva da existência?”

Realizada a coleta de dados, os mesmos foram tratados quantitativamente e passaram a fornecer material para a análise, dando à pesquisa caráter qualitativo. Desta forma, as definições em torno dos procedimentos metodológicos forjaram uma reflexão sobre conceitos de pesquisa, métodos de investigação, escolhas de referenciais teóricos que sustentam as análises e, no limite, o desejo de responder a pergunta: por que conhecer?

Estas questões evidenciam que ao realizar-se uma pesquisa, não é possível deixar de reflexionar sobre elas e partindo delas, é possível, então, apreender as motivações do pesquisador em torno de um determinado tema. Edgar Morin, Michel Maffesoli e Zygmunt Bauman, entre outros, nos ajudam a pensar o papel do conhecimento e o sentido da pesquisa na perspectiva de uma aproximação entre o desejo de conhecer e os interesses de pesquisa dos pesquisadores.

Bauman (2000, p. 10) pergunta-se “Mas o que há para conhecer?” e partir de Bourdieu retoma duas formas do saber, a forma “cínica” e “clínica”. Na primeira, conhece-se para tirar o máximo de proveito do produto do conhecimento e na segunda, o saber produzido nos oferece meios para ajudar a combater o que é impróprio, perigoso e ofensivo. Daí que, a partir do conhecimento é possível o exercício da liberdade de escolha e da opção quanto à utilização da produção. Para Bauman, a importância de conhecer está associada à capacidade de questionar e, segundo ele, “como colocou Castoriadis, o problema da condição contemporânea de nossa civilização moderna é que ela parou de questionar-se” (1999, p.11).

É, sem dúvida, a necessidade de produzir perguntas em torno do tema da juventude e do cotidiano de jovens que impulsiona a pesquisadora, por entre a materialidade de fatos jornalísticos, a procurar por significações sociais que são produzidas pelos redatores e seus leitores. No entanto, interpretações e novos sentidos são produzidos pela pesquisa o que (re)significa novas discussões sobre uma mesma realidade. Trata-se de uma fenomenologia compreensiva, define Maffesoli (1996).

“A necessidade da contemplação, permitindo apreender a multiplicidade de sentidos de um mesmo objeto, seus ritmos variados, numa palavra, toda a concretude. Tal fenomenologia compreensiva é, sem dúvida, a melhor maneira de apreender o que eu chamo de respiração social, seu fundo contínuo, seus aspectos irruptivos e suas diversas intermitências. Além disso, a apresentação preocupando-se com a verdade, favorece o conhecimento, isto é aprende a ‘nascer com’ o que é observado (...) (125 e 126)”.

Esta fenomenologia compreensiva permite – extrapolando a materialidade do texto jornalístico e a lingüística como lugar de regularidades – procurar pela produção de novos sentidos ressignificados pelo próprio real (e sua complexidade) o que faz refletir o fato, o acontecimento e, ao mesmo tempo, estanhá-lo. A pesquisa passa, então, a ser um tempo/espaço de interpretação, entendida como um gesto de abertura e de dialógico. Seus achados ganham caráter de provisoriidade, probabilidade e de produção de ressignificações, uma vez que é próprio da interpretação a possibilidade de interrogar o presente, o concreto, o fenômeno; apresentando, também, a desordem dos acontecimentos. Desta forma, caracteriza-se um conceito de pesquisa e, nesta perspectiva, avança a análise desta investigação!

Em primeiro lugar, as notícias identificadas dão a dimensão da importância do tempo presente, quer seja pela suas características de vincular informações a alguém, informações que são registradas imediatamente após o acontecimento, quer pela importância que o presente assume socialmente e muito especificamente, para os jovens, sujeitos das notícias. Esta prevalência do tempo presente na qual se inscreve a banalidade da vida cotidiana é chamada por Maffesoli de presenteísmo e é assim por ele definido:

“(...) quer seja a televisão, o vídeotexto, a micro informática e outra telecópia, todos encurtam o tempo, aniquilam o futuro e são promotores de um instante eterno (...) de diversos modos, todos os objetos são contaminados por essa lógica comunicacional” (1996, p. 194).

Esta idéia de um presente que firma conceitos e pré-conceitos talvez seja o que as notícias mais evidenciam sobre os jovens que insurgem, de imediato, como uma classe perigosa. Classe aqui apresentada nos dois sentidos da palavra, (a) como grupo sócio-etário delimitado e, (b) pertencentes a uma classe sócio-econômica desprivilegiada. A idéia de jovens como classe perigosa, produtores de desordem e violência é reforçada, também, pela sua ausência no mundo do trabalho, pela fragilidade dos vínculos familiares e pela sua presença nas instituições de assistência social, fatos esses ou ausentes das notícias ou reforçados pelo veículo de informação.

Segundo Marroco (2004, p. 17) os estudos historiográficos realizados por Chalhoub (1986) assinalam, desde há muito tempo, que os brasileiros consideraram os pobres e os delinqüentes como “classes perigosas”. Este autor, através de pesquisa nos Anais da Câmara de Deputados, de 1888, define que o termo “classes perigosas” era

utilizado como sinônimo de “classes pobres”, estes sendo os que “sempre foram e serão a mais importante causa de todos os tipos de malfeitores” e por isso “motivo de terror” para a sociedade, pelo fato de viverem na pobreza, entregando-se ao vício e a ociosidade.

Passados séculos, os pobres, os negros, as mulheres, ainda são objeto de preconceito e discriminação, mas são os jovens, hoje, os que encarnam o imaginário social da periculosidade e, quando o jovem é pobre e negro sua presença é ainda mais temida. Esta, talvez seja a questão mais recorrente da pesquisa realizada: há uma regularidade insistente sobre a periculosidade dos jovens nas notícias veiculadas pelo jornal, seja as da *Seção Policial* ou aquelas que tratam de temas específicos. Isto pode ser observado no gráfico abaixo que cita as principais *Seções* que compõe o periódico e identifica que 52% das notícias veiculadas sobre jovens e juventude estão na *Policial*.

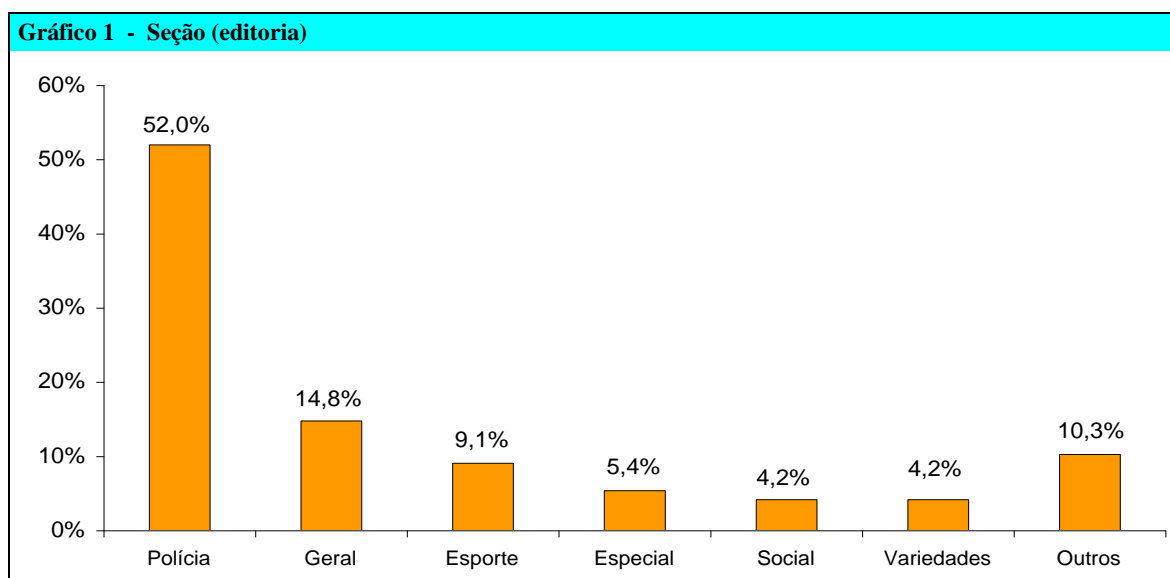
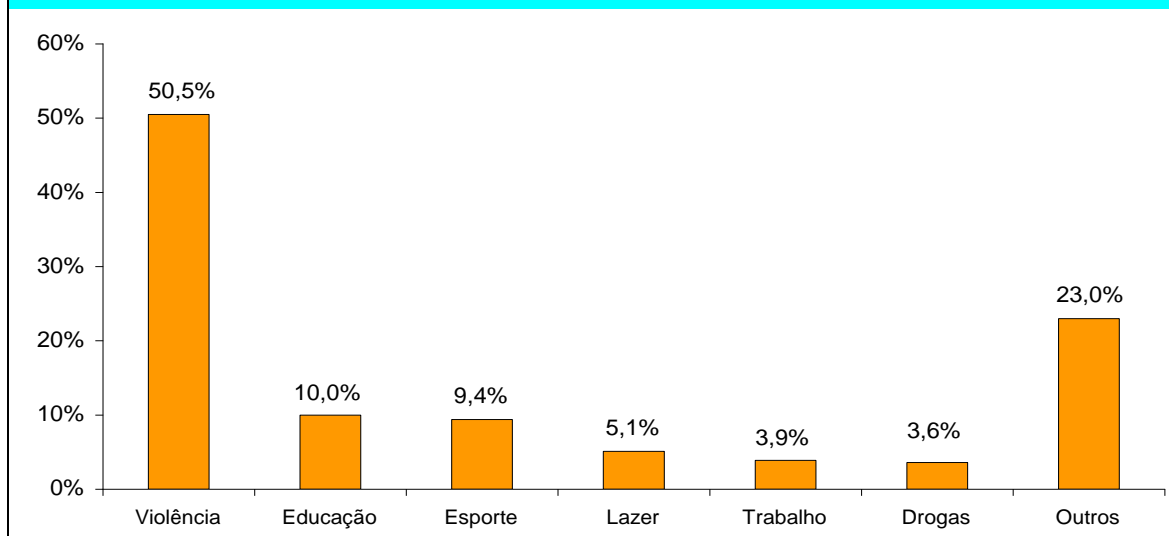


Gráfico construído com base em 331 observações.

As categorias com menos de 14 citações foram agrupadas em “Outros”.

A mesma relação é possível de verificação no Gráfico 2. O tema violência é o mais citado de um conjunto de termos que alude a presença do jovem na cidade.

Gráfico 2 Tema da matéria



A coleta de dados também considerou a importância dos títulos das notícias e quando essa busca é realizada agrupando-os por *Seção*, temos a utilização recorrente de expressões que remetem a intensidade e a gravidade com que os acontecimentos são noticiados. Na *Seção Policial*, os títulos das notícias apresentam expressões como: morte, tiroteio, uso de armas de fogo, assassinatos, roubos, assaltos, execução, espancamento, estupro, atropelamentos, seqüestros, entre outras, dimensionando os atos praticados e ou sofridos por jovens.

Destas notícias também foram extraídas falas que apontam pistas das formas de violência apresentada na referida *Seção*. Algumas delas são de familiares e/ou de pessoas que testemunharam os acontecimentos envolvendo jovens:

(a) A mãe de uma jovem de 23 anos morta pelo próprio marido diz: “o marido sempre andou armado e batia na minha filha”. (17/02/1998)

(b) Um borracheiro que presenciou uma briga envolvendo um grupo de jovens na saída de um “bailão” e que resultou na morte de um dos envolvidos (17 anos) desabafou: “eram uns 20 ou 30. Tudo gurizada. Se agarraram a socos e pontapés, invadiram a pista e daí a pouco começaram os tiros. Até que acertaram o piá aqui na frente”. (03/11/1998)

(c) Mistério na morte de pedreiro em Canudos é o título da matéria de 07/12/1998. A confirmação por familiares de que o jovem de 19 anos tinha envolvimento com furtos e roubos, veio com o mistério em torno de sua morte, amarrado em frente a sua casa, com um corte não muito profundo no pescoço. O pai,

descartando suicídio, desabafou: “ninguém consegue se matar com as mãos amarradas para trás, não é”.

(d) “Este homem é um elemento nocivo à sociedade e por isso deve ficar preso, pois amanhã ou depois pode assaltar e matar um de vocês, senhores jurados”, sentenciou o promotor público após a condenação de 13 anos, por homicídio de um homem com antecedentes criminais. O processo em pauta referia o assassinato de um jovem de 19 anos. (28/04/99)

Outras falas são dos próprios jovens que refletem sobre os acontecimentos nos quais se vêem envolvidos, entre elas:

(a) Um dos quatro jovens (24 anos) que assaltou um hipermercado na cidade diz: “como estava endividado e não tinha como pagar as contas, aceitei o convite”. (19/03/98)

(b) Jovens de 19 e 21 anos são presos por tráfico de drogas e um deles desabafa “eu sabia do que se tratava, mas não precisava disso. Vivo bem, ganhei um carro do meu pai e agora arrisco puxar uns anos por uma rateada”. (23/06/98)

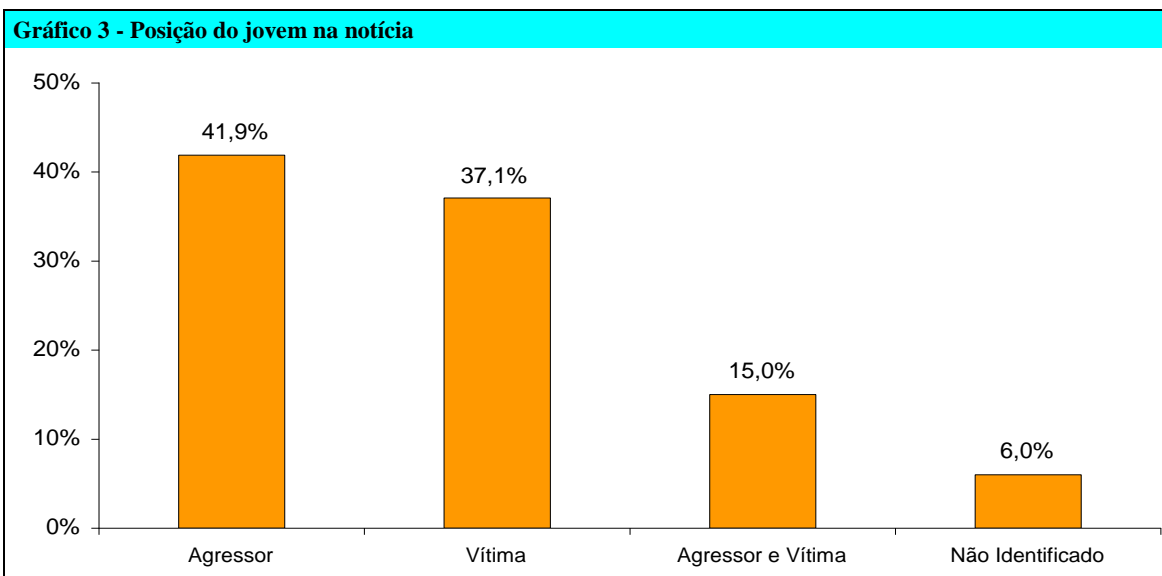
(c) Jovem de 20 anos foragido da Justiça foi preso no Bairro Canudos e diz “sou foragido, mas tudo o que acontece querem me empurrar”. (05/06/98)

(d) Jovem de 24 anos foragido da Justiça e capturado pela terceira vez diz à companheira “essa última vez quase levei um tiro mas fica fria, semana que vem tô de volta”. (10/07/98)

Se, nos gráficos acima e nas falas citadas, a partir de um olhar menos apurado, pode-se relacionar o jovem com um sujeito que somente pratica a violência<sup>2</sup> e, as chamadas dos títulos, em geral, de alguma forma reforçam esta tese, nos textos das notícias é possível observar que, em muitos dos casos, os jovens são as vítimas dos acontecimentos. Por vezes, os jovens são vítimas de outros jovens, mas são vítimas! Desta forma, quando é procurada a posição do jovem na notícia para o tema violência, os indicadores mostram outra faceta da questão, conforme o gráfico abaixo.

---

<sup>2</sup> Segundo o documento de conclusão Projeto Juventude (2004, p. 15) “A inserção da juventude na marginalidade traz, por sua vez, um reforço considerável à cultura da intolerância e da violência, uma vez que a impulsividade e o espontaneísmo próprios da juventude se misturam ao sentimento de poder e onipotência ocasionado pelo porte de arma de fogo. E isso contribui para a proliferação de situações marcadas pela intransigência, onde a própria juventude se converte em grande vítima. A violência atinge a juventude também na medida em que esse cenário produz um estigma muito forte: a sensação de que



Assim, como autores ou como vítimas, são os jovens os sujeitos preferenciais das notícias que neste momento histórico estão sendo nomeados, descritos e até espetacularizados como sujeitos violentos. Aparecem como autores de uma violência que causa medo ao conjunto da sociedade e que é descrita e referendada pela mídia e seus meios de comunicação. Bauman (1999), ao repensar os processos da modernidade e, segundo ele, a centralidade do espaço na organização da sociedade, reflete sobre as suas novas conseqüências dos tempos pós-modernos. Para ele, a questão central está colocada na tentativa de trancafiar, confinar e delimitar os não globais em territórios locais que são nestes tempos/espacos da globalização, territórios de exclusão<sup>3</sup>. Assim, esta distinção entre o espaço global e o local define sentidos, sujeitos e novas relações interpessoais.

No entanto, se são os jovens os sujeitos que causam medo, também são eles os que, muitas vezes, insurgem provocando reflexão em torno da mesma temática.

---

todo o jovem pobre, morador de espaços de exclusão é potencialmente vítima ou promotor de violência (...)"

<sup>3</sup> Territórios de exclusão que também pode ser lido como territórios de excluídos. Aqui excluídos no sentido atribuído por José de Souza Martins (1997) quando afirma que não existem excluídos por que não há nada fora da sociedade. Os excluídos são, segundo Martins, aqueles que estão excluídos de forma precária, periférica, a margem.. "... Não existe exclusão: existe contradição, existem vítimas de processos sociais, políticos e econômicos excludentes, existe o conflito pelo qual a vítima dos processos excludentes proclama o seu inconformismo seu mal-estar, sua revolta, sua força reivindicativa, e sua reivindicação corrosiva. Essas reações, porque não se trata de exclusão, não se dão fora dos sistemas econômicos e dos sistemas de poder. Elas constituem o imponderável de tais sistemas, fazem parte dele



Inúmeros são os jovens compositores que refletem em suas músicas a realidade das favelas e a vida vivida por crianças e jovens pobres. Também não é raro o engajamento deles e suas bandas, suas poesias, nas discussões que se realizam em espaços públicos. São, então, os mesmos jovens os quais, por vezes, sentem-se imobilizados pela crítica social, por outras, provocam reflexões sociais importantes, tornando-se sujeitos tensionadores desta realidade.

Nesta perspectiva, em Georges Balandier (1997) vamos encontrar estudos sobre a presença de figuras ordinárias a pronunciar a desordem. Entre elas, segundo o autor, estão as mulheres, os imigrantes, os filhos mais novos. Zucchetti (2003, p. 94), a partir dos seus estudos sobre jovens e aproximando-se do conceito de figuras ordinárias de Balandier, sugere que os jovens, pela sua trajetória histórica e realidade presente, também se constituem em figuras de desordem.

“É pela coexistência do movimento e da ambivalência entre ordem e desordem, presente na história dos jovens, que se faz possível afirmar a juventude como figura de desordem”.

Balandier (1997, p. 207) também apresenta a violência como uma figura reveladora de desordem:

“ A violência pode tomar a forma de uma epidemia, de uma desordem contagiosa e dificilmente controlável, de uma doença da sociedade que aprisiona o indivíduo e, por extensão, a coletividade em um estado de insegurança. Nunca foi expulsa do horizonte humano. A violência está no começo...”

Uma violência que segundo Balandier se traduz em insegurança coletiva<sup>4</sup> e que, para além da manutenção das formas reconhecidas como violentas e suas representações através da figura do delinqüente, do criminoso, do rebelde, se atualiza e toma a coletividade. Nesta perspectiva, o “aprisionamento” dos sujeitos ditos violentos, isolando-os do convívio social pretende também isolar o problema da violência e do medo que geram. Talvez por isso e em boa medida se vêem publicadas matérias que tratam de Instituições e de sujeitos institucionalizados. Abrigos, projetos sócio

---

ainda que o negando. As reações não ocorrem de fora para dentro; elas ocorrem no interior da realidade problemática, ‘dentro’ da realidade que a produziu os problemas que as causa” (p.14).

<sup>4</sup> A sociedade e seus poderes têm feito um movimento no sentido de localizar o medo em alguns sujeitos historicamente determinados, o que pouco se tem discutido é o que o medo, em primeiro lugar, é um fenômeno universal que tem reflexo sobre a realidade social incerta que, na contemporaneidade, tem atormentado a todos. Nesta perspectiva a juventude aparece como uma metáfora do social conforme os estudos de Morin (1973), Melucci (1997), Peralva (1997) e Abramo (1997).

educativos diversos têm destaque nas notícias sobre jovens e juventude e apresentam-se como uma alternativa de proteção.

Assim, a pecha, a pena e a reclusão têm se apresentados como imperativos na pós modernidade e a idéia de situação ilegal, isto é, de sujeitos em conflito com a lei, distingue os que são e os que não são transgressores, e isso, na pesquisa, é possível de localização geográfica. A consequência é uma determinação geográfica da violência relacionada à pobreza, o que pode ser observado quando as notícias da *Seção Policial* fazem referência aos bairros de origem dos “sujeitos violentos”. Ver o gráfico abaixo:

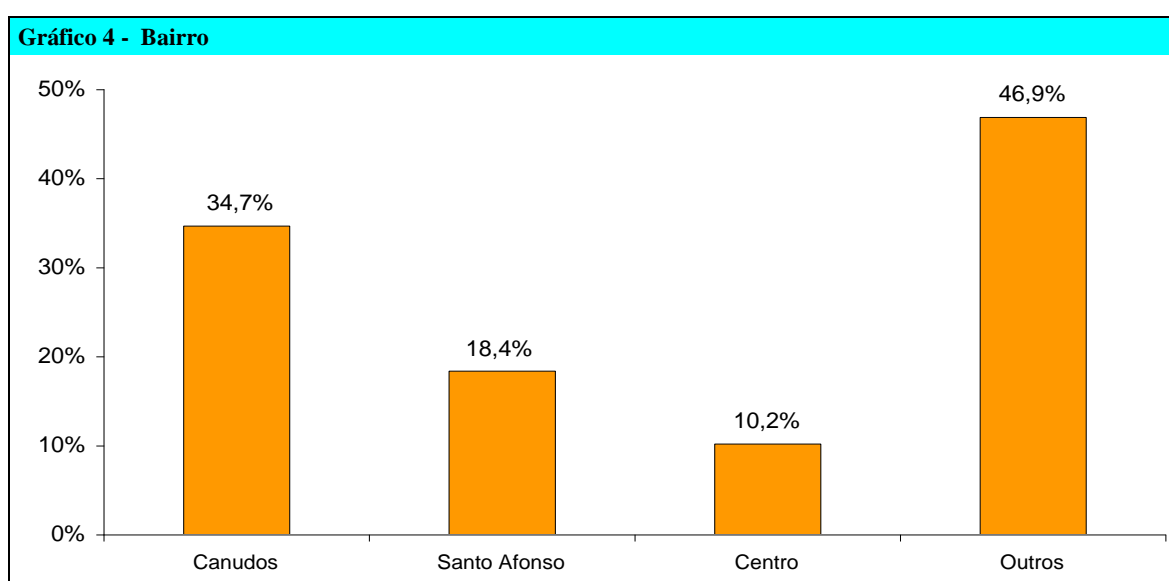


Gráfico construído com base em 98 observações. As categorias com menos de 10 citações foram agrupadas em “Outros”. O número de citações (108) é superior ao número de observações devido às respostas múltiplas.

Os Bairros Canudos e Santo Afonso foram os mais citados na *Seção Policial* quando o tema é violência. Estes são os dois maiores bairros da cidade e os que têm, proporcionalmente, uma periferia mais empobrecida. Têm fama de bairros violentos e os moradores, em geral, são tratados como se violentos fossem<sup>5</sup>. Referem dificuldade de conseguirem emprego e são objetos de preconceito de toda a ordem.

<sup>5</sup> Segundo Bauman (1999, p. 134) são inúmeros os fatores que convergem para um efeito comum: “identificação do crime com os ‘desclassificados’ (sempre locais) ou, o que vem dar praticamente no mesmo, a criminalização da pobreza. Os tipos mais comuns de criminosos na visão do público vêm quase sem exceção da ‘base’ da sociedade. Os guetos urbanos e as zonas proibidas são considerados áreas produtoras de crime e criminosos. E, ao contrário, as fontes de criminalidade (daquela criminalidade que realmente conta, vista como ameaça à segurança social) parecem ser inequivocadamente locais e localizada”.

A configuração do bairro e da periferia como *locus* violento onde residem “jovens também violentos”, aborta nesses sujeitos sociais a possibilidade da constituição de espaços privilegiados de articulação de ações coletivas, entre elas, segundo Dayrell e Carrano (s.d., p. 22) as produções culturais.

“ A tensão entre o global e o local não se reduz à produção cultural, refletindo também uma dimensão espacial. As ações coletivas juvenis trazem uma forte conotação com a dimensão local. Essa dimensão fica mais clara entre os rappers, por exemplo, na forma como constroem o termo ‘periferia’. É manifesto que, para os jovens pobres, o lugar em que se vive não aparece apenas como espaço funcional de residência ou de socialização, mas principalmente como espaço de interações afetivas e simbólicas, carregado de sentidos. Viver na periferia significa compartilhar de alguma forma os problemas relacionados à ausência de equipamentos básicos de infra-estrutura, de serviços públicos, entre eles o transporte, além de poder contar com opções restritas de lazer”.

A periferia, embora o seu forte elemento identitário, quando reforçada pelos seus elementos negativos (tanto pelas suas faltas como pelos seus estigmas), passa a ser para os jovens moradores um lugar ao qual atribuem sentidos de confinamento e de não desejo.

Também é possível identificar que, com relação à idade para o *tema violência*, os percentuais estão assim distribuídos: 21,4% têm idade de 15 a 17 anos, 31,6% de 18 a 20 anos e 41,9% de 21 a 24 anos. Estes indicadores permitem verificar que o aumento da idade deixa o jovem mais exposto à violência, o que nos permite reflexionar sobre: (a) a escola enquanto lugar de cuidado e as conseqüências do seu afastamento, (b) a falta do emprego e a ausência de políticas de geração de trabalho e renda, (c) a saída da casa dos pais e uma maior autonomia em relação a eles como questões que podem tornar o jovem ainda mais fragilizado em seu convívio social.

Dados como estes tensionam a publicização em torno da necessidade de políticas públicas para os jovens. No entanto, estas discussões ainda estão longe de se transformarem em atuações propositivas com expressão social, uma vez que estão, ainda, posicionadas no âmbito das discussões. Também é possível aferir que a partir da busca de informações sobre programas sociais para jovens verifica-se que quanto mais elevada a idade do jovem, mais escassos são os investimentos, e raras as propostas de

atenção de políticas públicas, chegando-se a quase inexistência de ações para jovens com mais de 19 anos, à exceção dos presídios<sup>6</sup>.

A investigação em torno da idade dos jovens noticiados traz dados interessantes para a análise. Uma aproximação entre a idade dos jovens quando agrupados por *temas* noticiados demonstra algumas particularidades, entre elas:

O *tema* violência incide mais sobre jovens com maior faixa etária. São 73,5% para jovens entre 18 e 24 anos. O roubo é noticiado em 100% entre os jovens na idade citada e o mesmo acontece para o tema aprisionamento, também com 100% das notícias nesta faixa etária. Para o *tema* educação, 31,9% dos jovens noticiados têm de 15 a 17 anos. O esporte e o lazer referem jovens de 15 a 17 anos na sua maioria, são 52,6% e 60,0% respectivamente. A assistência social, o Estatuto da Criança e Adolescentes têm o jovem de 15 a 17 anos como o sujeito preferencial. Isto permite confirmar que embora a quase ausência de políticas públicas de proteção para a população jovem, as mesmas, quando existem, tratam de um grupo de jovens com menor faixa etária. E, embora o crescente alargamento do tempo da juventude verificado inclusive pelos sistemas oficiais de pesquisa, as políticas de proteção ainda não alcançam a realidade.

Retomando o editorial, a *Seção* onde aparece, em segundo lugar, o maior número de matérias catalogadas é a Geral (ver Gráfico 1) com 14,1%. Na sequência vem Esporte e Especial com 9,1% e 5,4%. A Educação noticia apenas 1,8% das matérias.

Quando agrupamos os *títulos das notícias* por *Seção*, na Geral observamos a presença de assuntos sobre Instituições de proteção e festas. Nesta seção, os títulos apontam especialmente a presença de espaços de atendimento da juventude na cidade.

Na *Seção* Esporte, que noticia a vida de alguns jovens craques, basicamente há informações sobre as premiações alcançadas por jovens e por seus clubes. O que mais chama a atenção é o fato de que os jovens, ao serem noticiados nesta *Seção*, são

---

<sup>6</sup> O sistema prisional associado à idéia ampla de privação, significa, segundo Bauman (1999) uma fábrica de excluídos, cuja marca é a da imobilidade, o confinamento e em última análise a rejeição. Segundo o autor, a exemplo da prisão de Pelican Bay que não foi planejada como fábrica de disciplina ou de trabalho disciplinador, o que importava é que os jovens permanecessem ali, independente do que fariam, mas que ficassem ali. “Se os campos de concentração serviram de laboratórios de uma sociedade totalitária nos quais foram expostos os limites da submissão e servidão e se as casas de correção panópticas serviram como laboratórios da sociedade industrial nos quais foram experimentados os limites da robotização da ação humana, a prisão de Pelican Bay é um laboratório da sociedade ‘globalizada’ (ou planetária, nos termos de Alberto Melucci) no qual são testadas as técnicas de confinamento espacial do lixo e do refugio da globalização e explorados os seus limites” (p. 121), conclui Bauman.

identificados como jovens “hamburgueses”. Há uma descrição de origem que quer firmar uma identidade positiva e que por si só atribui sentido a uma juventude dourada.

Na *Seção Especial*, os títulos apontam para uma diversidade de assuntos que, no conjunto, tornam-se pouco expressivos.

Quando a *Educação é o tema* (ver Gráfico 2), ela é encontrada em 10% das notícias. Uma proporção significativamente menor do que o tema preferencial que é violência com 50,5%. Esta diferença percentual acabou gerando um interesse por parte da pesquisadora em retornar às notícias e verificar as chamadas e/ou o conteúdo das mesmas.

Na *Seção Jornal da SMED*, o jornal informa a certificação de jovens que concluíram cursos de alfabetização (16/12/1999), noutra, o término das matrículas para o projeto de Educação de Jovens e Adultos - EJA, cuja idade mínima para o ingresso é informada como sendo 14 anos (02/03/2000). Em *Variedades*, três notícias (22/08/1998, 14/10/1999, 26/11/1999) relacionam a presença de alunas e alunos de escolas privadas da cidade que também se dedicam ao canto coral e dança. A *Seção Sabe Tudo* informa que o Movimento de Alfabetização de Jovens e Adultos - MOVA reinicia com novas turmas em maio de 2000 (07/02/2000). Na *Seção Empresas*, o tema Educação é noticiado duas vezes (21/08/2000, 11/12/2000) e apresenta propostas de oficinas e palestras de formação a jovens empreendedores. Na *Geral*, onde está o maior volume de notícias sobre o tema Educação, uma delas trata do tema formação de professores para a Educação de Jovens e Adultos, (07/02/2000), outra informa que uma entidade assistencial realiza programa de alfabetização de jovens e adultos (03/07/2001). Educação Profissional de tipo inicial é realizada com recursos do PLANFOR informa o jornal (17/08/2001), e a alfabetização de Jovens é realizada através do Programa Piá 2000 (05/08/2000). Na mesma seção, a integração de alunos de escolas que atendem crianças e jovens em educação especial é noticiada (22/08/1998) e a diplomação de jovens acima de 16 anos em cursos de empreendedorismo ressalta a importância da educação (11/08/2001). Também informa a existência de uma oficina de leitura para jovens em processo de alfabetização (30/03/2001), e que jovens executivos realizam formação através de sua entidade de classe (08/06/2000). Na *Seção Educação*, reaparece a questão de alfabetização de jovens e adultos, onde o desafio de aprender a ler e escrever aparece como atingido pelos participantes do MOVA (15/07/2000), a outra notícia informa que a grande maioria dos estudantes desconhecem as profissões e

o que implica cada atividade (15/06/1999), lê-se, ainda sobre um projeto comunitário que garante a inclusão de 51 pessoas, através da finalização da alfabetização de jovens e adultos (21/12/1998), sob o título “Aulas após o trabalho” a notícia trata da realidade dos jovens que trabalham e estudam (09/09/1998), experiências nas feiras de ciências retratam a participam de crianças e jovens em pesquisas (24/08/1998).

É interessante observar que a ênfase das notícias sobre jovens e juventude no tocante ao *Tema Educação* mantém uma certa regularidade e simetria de sentidos com as demais notícias veiculadas pelo jornal. Os jovens descritos, embora não nomeados desta forma pelo veículo de comunicação, poderiam ser definidos como em situação de vulnerabilidade social<sup>7</sup>, uma vez que assim também são descritos os sujeitos usuários das políticas públicas. Nesta perspectiva, a Educação de Jovens e Adultos (EJA) é, sem dúvida, a questão mais publicizada pelo jornal, quando o tema trata de Educação. Esta política de escolarização, de caráter compensatório, destina-se aos que não tiveram acesso à educação na idade própria, no entanto, temos visto que a mesma, embora determinada constitucionalmente como direito<sup>8</sup>, se (re)produz como uma atividade de segunda ordem que marca os que dela participam com a pecha da exclusão.

Isto pode ser verificado quando, por exemplo, a partir da ênfase dada pelo jornal são verificadas as experiências de escolarização que são oferecidas. São poucas as iniciativas existentes na cidade e são experiências em anos iniciais, isto é, mesmo que representem uma possibilidade de acesso, não têm a previsão da continuidade. Da mesma forma, as vagas oferecidas não condizem com as demandas, pois é escassa a

---

<sup>7</sup> O uso da expressão vulnerabilidade social tem sido utilizada com sentidos muito diversos, mas geralmente define grupos e/ou sujeitos em situação de desvantagem social. No entanto, pouco se tem discutido que a expressão vulnerabilidade é uma categoria que questiona o conjunto da sociedade. Por vivermos em relação, ficamos todos vulneráveis à crescente falta de cuidado a que os jovens têm sido submetidos. Sobre a ética do cuidado em educação e uma crítica ao uso indiscriminado da categoria risco social e pessoal e vulnerabilidade social ver Zucchetti (2003).

<sup>8</sup> Sem que se desmereça a importância de resgate de cidadania e a proposta inclusiva definida pela Educação de Jovens e Adultos, a mesma precisa ser continuamente avaliada. Há um movimento de pouca positividade que tem provocado uma migração de jovens de 14, 15, 16 anos, com baixa escolaridade fruto de constantes evasões da escola ou, principalmente, de sucessivas repetições que, apoiados pelos seus professores e demais profissionais da escola, têm feito a opção pela modalidade EJA para a continuidade dos seus estudos. Muito jovens com problemas de comportamento, leia-se indisciplina têm a convite da escola, feita essa “passagem”. Isso significa, para os jovens, a idéia de uma escolarização facilitada e realizada em menor tempo o que, sem dúvida, cai no gosto da juventude. A alteração do turno da escolar também acontece na maioria das vezes quando o jovem passa para a modalidade EJA e ele passa a frequentar a escola a noite. Até pouco tempo o que fazia com que o jovem alterasse o turno escolar era a possibilidade de ingresso no mundo do trabalho ou ao menos a expectativa dele. Essa realidade do ingresso do EJA naqueles casos em que o jovem tem defasagem idade/escolaridade sem que isso represente um retorno eminente para a escola precisa ser reflexionado. O acesso à escolaridade e

oferta. Segundo a coordenação do Projeto de Educação de Jovens e Adultos da Feevale, esta é uma realidade não só do município de Novo Hamburgo mas de toda a região do Vale dos Sinos/RS, uma vez que, os poderes executivos não têm feito investimentos nesta área e, embora reconheçam a necessidade de intervir, não aportam recursos nem financeiros e tão pouco de pessoal.

O jornal, no entanto, ao noticiar de forma tão intensa a necessidade de educar jovens e adultos, valorizando as iniciativas existentes produz sentidos e explicita a sua posição quanto às intervenções. Há um desejo explícito, por parte do jornal, em erradicar o analfabetismo, enfatiza a coordenadora do EJA, no entanto, esta modalidade de educação pouco tem contribuído para a inclusão social dos que dela participam, principalmente por que não se garante a continuidade dos níveis. Em síntese, o jovem pobre de baixa escolaridade que não tem acesso à rede regular de ensino para concluir o Ensino Fundamental, ao ingressar no EJA também tem frustrada a sua expectativa de ampliação da escolarização e de inclusão social. Assim, não se concretiza o que segundo Mühl (2004, p. 7) é o propósito desta modalidade de ensino:

“(...) a educação de jovens e adultos deve ser um processo contínuo de formação que promova a integração social, a mobilização para a participação política e o envolvimento efetivo de todos os indivíduos na produção e no usufruto dos bens econômicos e culturais da nossa sociedade”.

Quanto ao Trabalho, ele é ainda menos relevante como tema noticiado, apenas 3,9% das notícias referem-se a ele (Ver tabela nº2). Aparece especialmente nas *Seções Social e Variedade* e seu conteúdo é veiculado ressaltando-se as experiências bem sucedidas de alguns jovens, especialmente pela capacidade de gerir novos negócios. Reafirmam conceitos como iniciativa, protagonismo e empreendedorismo. Podemos pensar que a pouca expressão das notícias que tratam do tema trabalho não deixam de expressar a crise do mesmo, enquanto tradicional canal de integração social; no entanto, tal qual a educação, nas matérias referentes ao trabalho, é inexistente qualquer questionamento ou postura mais crítica com relação à situação dos jovens e seu direito por políticas públicas protetivas. E sabemos, que experiências positivas de trabalho, formação profissional e projetos de geração de trabalho e renda associados à educação, constituem-se em políticas de proteção e iniciativas de inclusão social.

---

principalmente a sua permanência não pode significar uma forma de exclusão que a escola regular promova em nome do acesso à cidadania.

Também é importante que se explicita que assuntos como esporte, lazer, música, participação política, são notícias quase inexistentes, que demonstram que a cidade pouco se ocupa com questões que permitem aos jovens viver de forma mais digna a sua juventude, ao mesmo tempo em que, podem sugerir novos investimentos em políticas públicas que ressaltem as características expressivas como um avanço conceitual frente as tradicionais formas de inclusão social.

Enfim, a produção de sentidos em torno do tema desta pesquisa que tem como objeto de investigação os sentidos produzidos pela mídia local, referem à existência de uma juventude ruidosa, interpretada como problema social. As notícias evidenciam um recorte de classe social que explicita de forma preconceituosa, jovens pobres, moradores da periferia urbana, usuários de políticas públicas que pelo simples acesso do jovem aos recursos das políticas sociais (leia-se recursos da cidadania) seja de caráter assistencial ou educativo, passam a ser objeto de desconfiança. Considerados como estranhos, no sentido atribuído por Bauman (1998) busca-se a sua rejeição na busca de uma pureza pós moderna.

Todas essas questões nos permitem afirmar que os discursos da imprensa submetem autoritariamente o movimento de um grupo bastante expressivo de jovens da cidade de Novo Hamburgo e, ao mesmo tempo, refletem, num tempo cronologicamente datado, concepções sobre jovens e juventude. Concepções essas que, por sua vez, também sugerem a posição do poder público diante de uma parcela de seus cidadãos. A inexistência de políticas públicas na cidade, a falta de posição dos Conselhos de Direito frente aos jovens com mais de 18 anos (idade em que cessa a proteção do Estatuto da Criança e do Adolescente) não deixa de refletir o resultado da pesquisa ora apresentada, onde as ações voltadas aos jovens demonstram a inexistência de uma política do município para a juventude. As ações e os projetos capturados nas notícias do jornal demonstram intervenções pontuais e, quando existentes, normalmente realizadas pela sociedade civil e quase que exclusivamente voltados a uma faixa etária que poderia ser nomeada de jovens adolescentes, constituindo-se esta fase como aquela que inaugura o tempo da juventude (Melucci,1997). E, mesmo que o período da pesquisa seja os dois últimos anos da década de '90 e os dois primeiros do novo milênio, tempo em que de forma geral vimos avançar os estudos sobre jovens e juventude e, da mesma forma, tivemos este tema mais amplamente publicizado, não foi possível verificar nenhuma



qualificação destas discussões nas notícias veiculadas no jornal investigado. O se pode observar é um reforço ao conceito da juventude associada à idéia de problema social.

Assim, os dados e as análises apontam à dimensão da realidade vivida pelos jovens mais vulnerabilizados da cidade. Há, de certa forma, associada à idéia do jovem como problema social uma evidente e perversa tentativa de criminalização da pobreza e culpabilização dos jovens pela crescente violência urbana. Da mesma forma, há um reforço ao conceito de “exclusão”, marcando os que estão “de fora”. No entanto, sem que se opere a relevância social da comunicação, o jornal pouco contribui no sentido de questionar a realidade a que são submetidos setores da sociedade e, de forma específica, os jovens, o que torna possível verificar o abandono a quem tem sido submetidos por parte da sociedade e do poder público. Um abandono que fere a ética do cuidado com a juventude da cidade.

Em síntese, estas questões remetem ao problema anunciado no início deste artigo sobre a importância do ato de conhecer: mesmo que os jovens sejam visibilizados pela mídia como problema social e a juventude tratada como se homogênea fosse, os jovens e seus modos de resistir, a sua cultura reforçada pela importância de estar junto afetivo, seus rituais cambiantes, o questionamento que produzem em torno das certezas sociais e as instituições e seus saberes dão visibilidade a crueldade do mundo, as incertezas, as contradições, e podem oportunizar ao conjunto da população a possibilidade de enxergar uma sociedade excludente, onde os “de dentro e os de fora” são inseparáveis e sofrem o tempo todo as ações de uns sobre os outros.

## **BIBLIOGRAFIA:**

- ABRAMO, Helena. *Considerações sobre a tematização social da juventude no Brasil. Revista Brasileira de Educação*. São Paulo. Nº especial, 1997.
- BAUMAN, Zygmunt. **O mal-estar da pós modernidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.
- \_\_\_\_\_. **Globalização: as conseqüências humanas**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.
- \_\_\_\_\_. **Em busca da política**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.
- BALANDIER, Georges. **A desordem elogio do movimento**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.
- DAYREL, Juarez; CARRANO, Paulo C. **Jovens no Brasil: difíceis travessias de fim de século e promessas de um outro mundo**. Inédito.
- FARENZANA, Rosana C.; et alli. **Educação de Jovens e Adultos: movimento político pedagógico**. Passo Fundo: UPF, 2004.
- HEIDEGGER, Martin. **Ser e tempo**. Parte II. Petrópolis: Vozes. 2000.

- MAFFESOLI, Michel. **No fundo das Aparências**. Petrópolis: Vozes. 1996.
- MARROCO, Beatriz. **Prostitutas, jogadores, pobres e vagabundos no discurso jornalístico**. Unisinos: São Leopoldo, 2004.
- MARTINS, José de Souza. **Exclusão social a nova desigualdade**. São Paulo: Paulus. 1997.
- MELUCCI, Alberto. *Juventude, tempo e movimentos sociais*. **Revista Brasileira de Educação**. São Paulo. Nº especial, 1997.
- MORIN, Edgar. **O paradigma perdido: a natureza humana**. Portugal: Europa-América. 1973.
- \_\_\_\_\_. **Meus Demônios**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.
- PERALVA, Angelina. *O jovem como modelo cultural*. **Revista Brasileira de Educação**. São Paulo. Nº especial, 1997.
- PROJETO JUVENTUDE**. Documento de Conclusão. Instituto Cidadania. São Paulo, 2004.
- ZUCCHETTI, Dinora Tereza. **Jovens: a educação, o cuidado e o trabalho como éticas de ser e estar no mundo**. Novo Hamburgo: Feevale. 2003.